

## Fluxo e contrafluxos

movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira

Anthony J. Naro  
Marta Scherre

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NARO, AJ., and SCHERRE, M. Fluxos e contrafluxos: movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 239-248. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



# Fluxos e contrafluxos: movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira

Anthony J. NARO

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Marta SCHERRE

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Nosso objetivo na mesa “Contato linguístico na formação do português brasileiro” foi discutir o modelo de fluxos e contrafluxos, esboçado em Naro (1981) e retomado por Naro e Scherre (1991; 1993; 2002; 2003a; 2007), Scherre e Naro (2006) e Lucchesi (2006, p. 23).<sup>1</sup>

A primeira pesquisa quantitativa sobre a concordância verbo-sujeito variável no português do Brasil foi feita utilizando uma amostra da fala de vinte falantes analfabetos, matriculados no antigo MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) no Rio de Janeiro. Como esta amostra não foi escolhida aleatoriamente, ela não era, a rigor, representativa da fala do universo dos analfabetos do Rio de Janeiro, e muito menos ainda da comunidade como um todo. Apesar desta limitação, a análise do comportamento das faixas etárias na amostra sugeriu que o uso da concordância estaria a caminho da perda na comunidade, já que, de maneira geral, os falantes mais velhos eram mais propensos a usá-la do que os mais novos. Entretanto, havia algumas exceções: alguns poucos falantes com taxas altíssimas de uso das formas com concordância, embora estes falantes tivessem todas as características indicativas de desvantagens sociais e tivessem sido criados em comunidades tipicamente carentes onde o uso de língua padrão não era de se esperar. Estas circunstâncias levaram Naro (1981) a concluir que a concordância de número plural estaria em processo de perda na comunidade, em função da faixa etária; e em processo de aquisição por certos indivíduos, em função de características e tendências próprias destes indivíduos. Como estes falantes analfabetos não tinham contatos efetivos com os setores

<sup>1</sup> Agradecemos à Comissão Organizadora do evento *ROSAE - I Congresso Internacional de Linguística Histórica*, na pessoa da professora Tânia Lobo, a oportunidade de publicar o texto que apresentamos nesta mesa-redonda, coordenada pela professora Norma da Silva Lopes. Uma versão levemente modificada e ampliada deste texto sairá também em um livro organizado pela professora Maria Cecília de Magalhães Mollica, a ser publicado pela Tempo Brasileiro.

da comunidade onde predomina o uso de formas padrão, Naro (1981) postulou a ação de um efeito de orientação cultural vicária, ou seja, a aquisição de valores dos grupos socialmente dominantes, entre os quais se inclui a presença de concordância plural. Este efeito vicário era medido através de contatos com a mídia dominante, especialmente as telenovelas.

Na amostra original, o aumento no uso da concordância era visivelmente observado no grupo vicário, constituindo um contrafluxo ao que parecia ser o fluxo principal em direção à sua perda. Entretanto, Naro (1981, p. 88) especula que, com o tempo, “o ressurgimento da concordância plural pode ocorrer nos grupos mais jovens, independentemente da orientação cultural.” Pondera, à época, que “estudos futuros irão determinar se há alguma validade nesta especulação.”

Tais estudos vieram de fato a ser feitos alguns anos depois no *Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)*, do Rio de Janeiro, usando duas amostras aleatórias da comunidade de fala do Rio de Janeiro, constituídas nas décadas de 1980 e de 2000, separadas por um intervalo aproximado de 18 anos. Estas duas amostras aleatórias estratificadas em função da faixa etária, sexo e anos de escolarização são, estatisticamente, representativas do universo da comunidade da fala da qual foram extraídas. Portanto, desta vez, é, sem dúvida alguma, metodologicamente justificado comparar seus resultados numa tentativa de apreender tendências de mudança na comunidade.

A configuração das duas amostras do PEUL é a seguinte:

**Amostra 1980** (cf. OLIVEIRA E SILVA; SCHERRE, 1996): 64 horas gravadas no início da década de 80 com 64 falantes da cidade do Rio de Janeiro, estratificados em função:

- do gênero: feminino e masculino;
- dos anos de escolarização: 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos de escolarização;
- da faixa etária: 7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; mais de 49 anos de idade.

**Amostra 2000** (cf. PAIVA; DUARTE, 2003): 32 horas gravadas em 1999/2000 com 32 falantes da mesma comunidade da amostra de 1980, com as mesmas características e subdivididos da mesma forma:

- do gênero: feminino e masculino;
- dos anos de escolarização: 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos de escolarização;
- da faixa etária: 7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; mais de 49 anos de idade.

Exemplos do fenômeno analisado são:

[1a] Cumé que eles **vivem** lá fora?

[1b] Eles **vive** dizem isso...

[2a] **Vieram** os alunos, quatro...

[2b] Aí **veio** aqueles cara correndo...

Da análise dos dados das duas amostras do PEUL, um fato é imediatamente óbvio: o uso de formas com concordância é mais alto na amostra de 2000, em aparente contradição com a conclusão anterior de Naro (1981) no sentido de que a concordância estaria a caminho da extinção na comunidade. As médias globais de concordância verbo/sujeito nas duas amostras, em dois pontos sucessivos no tempo, são:

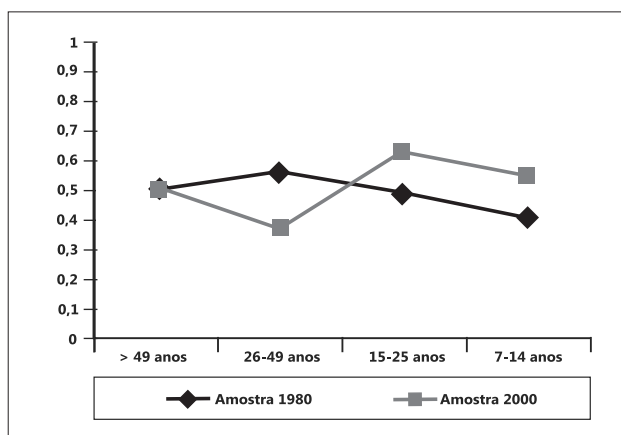
Amostra 1980:  $3425/4722=73\%$

Amostra 2000:  $1724/2079=83\%$

Há um aumento de 10 pontos percentuais, ou seja, de 13,7%, em um intervalo aproximado de 18 anos - uma geração. Trata-se de um dos movimentos do português brasileiro, neste caso, em direção a uma estrutura de maior prestígio nacional explícito (NARO; SCHERRE, 1991).

Além disso, os resultados de faixa etária nas duas amostras, no Gráfico 1, nos parecem instigantes. Na amostra de 1980, o efeito da faixa etária revela um padrão curvilíneo para os todos os falantes, com a maior taxa de favorecimento da concordância na faixa de 26 a 49 anos, mas, na amostra de 2000, embora o padrão curvilíneo se mantenha, inverte-se o efeito da faixa etária de 26-49 anos, que se evidencia como o grupo mais desfavorecido. Os falantes da faixa etária de mais de 49 anos revelam os mesmos efeitos e os falantes mais jovens, de 7-14 anos e de 15-25, apresentam o mesmo padrão, mas com aumentos nos efeitos. A única tendência geral que se deixa entrever nos resultados da faixa etária é em direção à perda nos dois grupos mais jovens na década de 80, mas os dados de 00 não confirmam tal trajeto.

Gráfico 1: Efeito da faixa etária na presença da concordância verbal para todos os falantes: amostras de 1980 e 2000 de falantes da cidade do Rio de Janeiro (duas rodadas separadas)

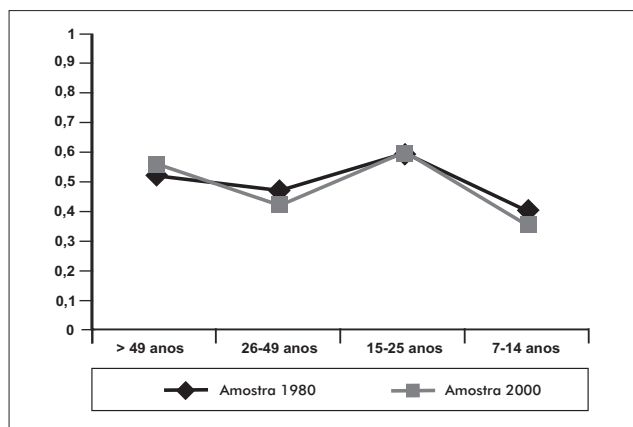


A fim de melhor entender o papel da variável faixa etária, decidimos analisar separadamente os dados da fala dos homens e das mulheres das duas amostras (cf. SCHERRE; NARO, 2009). Nesse momento, queremos enfatizar que estamos efetuando uma separação

apenas analítica da fala dos dois sexos. Não se trata de camadas separadas da população, nem de grupos isolados um do outro. Pelo contrário, homens e mulheres estão em contato contínuo e íntimo na vida cotidiana, o que evidentemente não impede que cada sexo tenha padrões linguísticos próprios.

Como se pode observar no Gráfico 2a, os resultados dos dados dos homens mostram basicamente o mesmo padrão nas duas amostras:

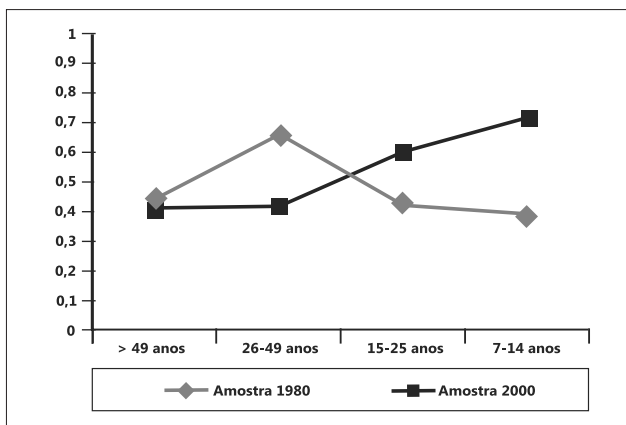
Gráfico 2a: Efeito da faixa etária para os homens na presença da concordância verbal: amostras de 1980 e 2000 de falantes da cidade do Rio de Janeiro (duas rodadas separadas)



Naro e Scherre (2009) consideram que esta configuração pode ser devida à sobreposição de dois padrões etários: um padrão retilíneo mais antigo de perda de concordância na comunidade com um padrão curvilíneo indicativo de gradação etária ou de mudança no sistema do indivíduo ao longo de sua vida. O padrão retilíneo de perda pode ser visualizado nas taxas de concordância mais altas em falantes mais velhos e nas taxas mais baixas em falantes menos velhos, comparando o grupo de >49 anos de idade com o grupo de 26 a 49 anos. O padrão curvilíneo de gradação etária pode ser visualizado nas taxas mais altas no grupo etário intermediário de 15-25 anos, em comparação com os grupos de 26-49 anos e de 7-14. O padrão retilíneo dos dois grupos mais velhos constitui uma remanescência do movimento em direção à perda da concordância na comunidade.

Como pode se observar na configuração do Gráfico 2b, os resultados dos dados das mulheres também revelam um padrão curvilinear na amostra de 1980, mas com um ápice mais tarde que os resultados dos homens, na faixa de 26 a 49 anos. Na amostra de 2000, diferentemente, as mulheres revelam um padrão claro de aquisição, com as falantes mais novas mostrando taxas consideravelmente mais altas de uso de concordância verbal.

Gráfico 2b: Efeito da faixa etária para as mulheres na presença da concordância verbal: amostras de 1980 e 2000 de falantes da cidade do Rio de Janeiro (duas rodadas separadas)



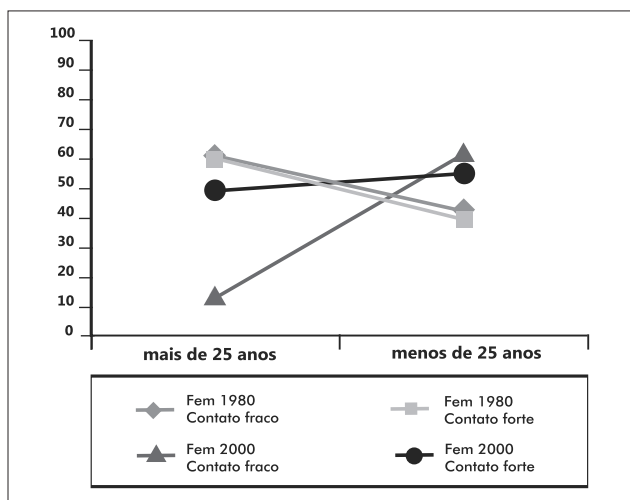
Em síntese, os resultados indicam que os homens, como um grupo, parecem não evidenciar mudança forte nas restrições sociais etárias que afetam seus padrões de uso no intervalo de 1980 a 2000. As mulheres, por sua vez, revelam estar em um processo etário de aquisição de formas de prestígio. O padrão etário curvilíneo do mercado de trabalho, mais característico dos falantes masculinos nas duas amostras de fala analisadas, não mais se manifesta nos dados da amostra de 2000 para as mulheres. Para elas, o uso das formas de prestígio se dá preferencialmente para os grupos com menos idade, inclusive a faixa de sete a 14 anos. Neste sentido, as mulheres jovens estão mudando em direção ao sistema avaliado pela comunidade de fala brasileira como padrão, um sistema com prestígio explícito, nitidamente percebido por meio de avaliações cotidianas dos brasileiros de diversas camadas sociais e profissionais, bem como por avaliações rotineiras e insistentes na mídia falada e escrita.

Convém agora voltar à especulação de Naro (1981), no sentido de que “o ressurgimento da concordância plural pode ocorrer nos grupos mais jovens, independentemente da orientação cultural”. Como este ressurgimento parece ocorrer de fato apenas entre as mulheres, os dados dos homens neste momento não são relevantes à questão que aqui se coloca. Sendo assim, dividimos o grupo de mulheres em dois subgrupos de acordo com o contato com a mídia e testamos o efeito da idade em cada grupo nas duas amostras. Entretanto, como o tamanho das subamostras fica muito reduzido, vimo-nos obrigados a distinguir apenas dois níveis de contato com a mídia: fraco (pouco contato ou conteúdo não assimilado) e forte (conteúdo assimilado, possivelmente com visão crítica) e duas faixas etárias (mais de 25 anos e menos de 25 anos), nas amostras de 1980 e de 2000. Efetuamos, assim, quatro análises separadas para os dados das mulheres, cujos percentuais e pesos relativos em relação à presença de concordância verbal podem ser vistos na Tabela 1 e no Gráfico 3, a seguir.

Tabela 1: Efeito da faixa etária na presença da concordância verbal: amostras de 1980 e 2000 de falantes da cidade do Rio de Janeiro – dados das mulheres subdivididos em função do contato com a mídia (quatro rodadas separadas)

Amostra de 1980				
	Contato fraco		Contato forte	
	Frequências	pesos relativos	Frequências	pesos relativos
<25 anos	155/306=51%	<b>0,42</b>	350/530=66%	<b>0,39</b>
>25 anos	152/232=67%	<b>0,60</b>	513/582=88%	<b>0,60</b>
Range <sup>2</sup>		18		21
Amostra de 2000				
	Contato fraco		Contato forte	
	Frequências	pesos relativos	Frequências	pesos relativos
<25 anos	293/315=93%	<b>0,62</b>	100/124=81%	<b>(0,55)</b>
>25 anos	42/ 78=54%	<b>0,13</b>	597/695=86%	<b>(0,49)</b>
Range		49		06

Gráfico 3: Efeito da faixa etária na presença da concordância verbal: amostras de 1980 e 2000 de falantes da cidade do Rio de Janeiro – dados das mulheres subdivididos em função do contato com a mídia (quatro rodadas separadas)



Nos resultados da Tabela 1 e do Gráfico 3, a comunidade representada nas duas amostras é recortada de acordo com a orientação cultural das falantes, medida através de contato com a mídia, resultando em um grupo sem contato extensivo com a mídia (contato fraco) e outro, que costuma ler jornal e/ou outros veículos impressos, ver televisão (seja telenovelas, seriados, jornal etc.), ou manifestar outros tipos de contato (contato

2 Nos termos de Tagliamonte (2006, p. 242), a força de cada variável independente ou grupo de fatores “é medida pelo ‘range’ (diferença entre o peso relativo mais alto e o peso relativo mais baixo de fatores de uma mesma variável), que é então comparado com outros *ranges* de outras variáveis independentes.

forte). Como já dissemos, devido à escassez de dados em algumas células, os grupos etários são apenas dois, reunindo todas as falantes com mais de 25 anos, e as opondo às mulheres com menos de 25 anos. Com esse recorte, evidencia-se na década de 80 a tendência à perda da concordância vislumbrada por Naro (1981) nos dados dos mobralenses: tanto para o grupo com mais contato, como para o com menos contato, as falantes mais velhas apresentam efeitos que favorecem mais concordância do que as mais jovens. Os pesos para os dois grupos da década de 80 de contato são bastante semelhantes.

Na década de 00, o grupo com contato fraco mostra uma nítida inversão em relação ao padrão anterior, com as falantes mais novas exibindo taxas de uso da concordância consideravelmente mais altas que as falantes mais velhas, tanto nas frequências como nos pesos relativos. No grupo com contato forte, embora a tendência seja a mesma, a polarização é baixa e sem significância estatística. Como mostram Naro e Scherre (2009), o quase nivelamento nos falantes com mais contato com a mídia se deve ao fato de que não é mais a mídia que exerce o efeito maior. O que se instaura é o efeito da faixa etária, desvinculado do efeito da mídia, ao lado do forte efeito da escolarização. Novos *inputs* estão se instalado, via maior vivência com ambientes de letramento, em que se usam mais as variantes de prestígio explícito, a saber, a presença de concordância plural.

A comparação do comportamento das faixas etárias das duas amostras aponta precisamente para “o ressurgimento da concordância plural,” que ocorre “nos grupos mais jovens, independentemente da orientação cultural,” como previsto por Naro trinta anos atrás.

## Reflexões

Nossos resultados sugerem que a grande comunidade de fala brasileira (cf. SCHERRE, 2006a; 2006b) contém grupos sociais que se movimentam por vias diacrônicas às vezes conflitantes, tais como a perda, a restauração, e a estabilidade, com ou sem mudança durante a vida do falante, como já vimos nas reflexões que fizemos em Naro e Scherre (1991 e 1993b) e que, embora com lupa diferente, Lucchesi (2006, p. 105) também vê. Como o falante forçosamente pertence a diversos grupos sociais, dão-se conflitos dentro da comunidade, dentro de subgrupos da população, e até mesmo dentro do indivíduo, especialmente quando traços de prestígio explícito estão envolvidos, como é o caso da concordância de número em português. Por exemplo, quando visto do ponto de vista do contato, no sentido mais amplo do termo (mídia, escola, ou seja, letramento de forma mais ampla), a tendência à reversão da perda da concordância aparece com certa nitidez em nossas análises com todos os dados da década de 2000 e com os dados das mulheres de 2000, em especial (e também em análises de outros estudiosos: ver, por exemplo, VIEIRA, 1997; LUCCHESI, 1998, 2006; RÚBIO, 2008). Isto, todavia, não acontece quando os mesmos dados são analisados por gênero, onde predomina o padrão etário curvilíneo do mercado de trabalho, para os dados dos homens das amostras de 80 e de 2000; e para



os dados das mulheres da década de 80. Esta circunstância decorre do fato de que, em qualquer recorte momentâneo da comunidade, podem existir realmente fluxos em uma direção predominante, acompanhados simultaneamente por contrafluxos por trilhas diferentes, e não necessariamente um único fluxo em determinada direção. A comunidade da fala é complexa, suas divisões sociais são sobrepostas, e seus componentes, ou seja, os falantes, podem ser impulsionados pelas diversas trajetórias, por vezes conflitantes, dos diferentes segmentos a que pertencem ou, pelo menos, se integram e, até, se entregam, nos diversos momentos da vida. Por isso, resultados do tipo “as mulheres são inovadoras” são, em verdade, apenas parciais. Toda mulher poderá ter também outras dimensões além do gênero feminino, por exemplo, identidade local, que podem empurrá-la em outra direção. Na realidade, não existem compartimentos sociais exclusivos. A realidade social é multidimensional e seu reflexo na variação linguística são os inevitáveis fluxos e contrafluxos (um dos exemplos clássicos é o trabalho de Labov (1972, p. 1-42; 2008, p. 19-62), a respeito da elevação da vogal base dos ditongos centralizados em Martha’s Vineyard).

Nosso recorte momentâneo proporciona uma visão da dinâmica linguística em curtíssimo prazo e revela rotas de mudança por vezes conflitantes e outras vezes convergentes; uma visão mais abrangente, de prazo médio ou longo, revela o resultado do processo, normalmente uma evolução relativamente consistente em uma direção. Por exemplo, comparando o latim com as línguas românicas podemos constatar que o leque de categorias morfológicas contraiu notavelmente, tanto no sistema nominal como no sistema verbal. Naturalmente, durante os séculos de evolução devem ter existido fluxos e contrafluxos, com variação no uso desses sistemas, mas, com o passar do tempo, veio a predominar o fluxo na direção citada, ou seja, o fluxo de perda. As dimensões sociais que podem ter influenciado nesse processo ainda são desconhecidas, mas é uma hipótese plausível e sedutora o papel do afrouxamento da norma, no sentido natural do termo, em comunidades de fala dilaceradas e, aos poucos, reconstituídas, no meio de muita turbulência social.

Ao fluxo vitorioso, o linguista Edward Sapir (1949/1921) atribuiu o nome de ‘*deriva*’ (*drift*, em inglês). Esse conceito pode até parecer um pouco místico, mas na realidade trata-se apenas de um nome bonito atribuído a uma simples observação empírica: quando observadas a longo prazo, as línguas, e até famílias linguísticas, costumam exibir movimentações seculares consistentes. Por exemplo, o indo-europeu, com mais de 25 séculos de evolução, mostra, com poucas exceções, diminuição na quantidade total de categorias morfológicas, bem como na sua operacionalidade ao nível da fala.

Fluxos contínuos que atravessam as gerações são naturais, porque as gerações são contínuas. O construto teórico de ‘geração  $n$ ’, em confronto com ‘geração  $n+1$ ’, é uma abstração que nos leva a pensar em um quadro de descontinuidade inexistente no mundo real. À investigação sociolinguística cabe identificar as dimensões sociais que favorecem ou desfavorecem os fluxos e contrafluxos.

Nesta linha de raciocínio, vamos nos encontrar inevitavelmente com as ideias recentes de Lucchesi (1998; 2006) e Mattos e Silva (2001), que hoje, a nosso ver, voltam seus

olhos mais para a macrocomunidade linguística e os extremos do *continuum* da complexa comunidade de fala brasileira, virtude de todas as comunidades de fala conhecidas. Para nós, os fluxos e contrafluxos são características inerentes de qualquer comunidade de fala (cf. SCHERRE, 2006b) e/ou de comunidades de prática (cf. ECKERT, 2005) desde o micronível de um lar, passando por comunidades maiores, ainda com algum nível de contato como um bairro, até macrocomunidades como uma cidade, um estado, ou até uma nação. Em todos os níveis de comunidade, fluxos e contrafluxos podem predominar em qualquer momento sobre tendências de longo prazo em direções polarizadas porque os elementos que compõem a comunidade pertencem a diversas dimensões, que, por sua vez, determinam a própria existência da comunidade.

## Referências

- ECKERT, Penélope (2005). Variation, convention, and social meaning. Paper presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland CA. Jan. 7.
- LUCCHESI, Dante (1998). A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais da mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (Ed.). *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM. p. 73-99.
- LABOV, William (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pensilvania.
- LABOV, William (2008). *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.
- LUCCHESI, Dante (2006). Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2001). De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro. V. II: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP: FAPESP. Tomo II. p. 275-301.
- NARO, Anthony J. (1981). The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, n. 57, p. 63-98.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (1991). Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; TARALLO, Fernando (Org.). *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 20, p. 9-16.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (1993). Flows and counterflows in variation and change. *XXII NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION (NWAVE)*. University of Ottawa: Ottawa.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2002). The individual and the community in real-time linguistic change: social dimensions. *New Ways of Analyzing Variation 31*, Stanford University. Inédito.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2003a). A trend study of number agreement in Brazilian Portuguese: social dimensions. *New Ways of Analyzing Variation 32*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Inédito.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2003b). Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, Maria da Conceição de;

- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ. p. 47-62.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2007). Acquisition of prestige forms: the changing role of gender and education. *New Ways of Analyzing Variation* 36. Philadelphia: University of Pennsylvania. Inédito.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2009). Aquisição de formas de prestígio: o papel do gênero em tempo real In: MEIRA, Vivian (Org.). *Português brasileiro: estudos funcionalistas e sociolinguísticos*. Salvador: EDUNEB. p. 65-91.
- OLIVEIRA E SILVA, Gisele Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.) (1996). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2003). Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ. p. 13-29.
- RUBIO, Cássio Florêncio (2008). *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- SAPIR, Edward (1949 [1921]). *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt: Brace e World, Inc.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. (2006). Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 109-131.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (2006a). Brazil/Brasilien. In: VON ULRICH AMMON, Herausgegeben; DITTMAR, Norbert; MATTHEIR, Klaus J.; TRUDGILL, Peter. (Org.). *Sociolinguistics / Soziolinguistik: an international handbook of the science of language and society*. 2 ed. Berlin/New York: Walter de Gruyter. v. 3, p. 2125-2131.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (2006b). Speech community. *Encyclopedia of Language & Linguistics 2 (ELL2)*. Oxford: Elsevier. v. 11, p. 716-722.
- TAGLIAMONTE, Sali. A. (2006). *Analyzing sociolinguistic variation*. Cambridge: University Cambridge Press.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues (1997). A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *GRAPHOS. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB*, João Pessoa, ano II. v. 2, n. 1, p. 115-133.